

As mulheres da rua 16: quais histórias elas terão para nos contar? Conexões entre Arapiraca do passado e do presente, na esquina daquela rua.

Maria Betânia Gomes da Silva Brito¹

Palavras-chave: Gênero. Feminismo. Agreste de Alagoas. Cultura.

Arapiraca, 15 de novembro de 2022.

As ruas da cidade que habito são numeradas. Dizem que apenas um número não significa muita coisa para quem é da área das ciências humanas. Portanto, essas ruas numeradas sempre me trouxeram inquietações. Está ali entre às ruas 15 e 16 já era para mim um indício de que não existiu personalidade “importante” que cedesse seu nome para servir de referência a quem precisa transitar por determinados percursos da cidade. As ruas a que me refiro são aquelas localizadas no centro comercial da maior capital do Agreste alagoano.

Entre andanças pela cidade de Arapiraca, de repente estou eu a esperar minhas alunas do curso de licenciatura em Pedagogia (UFAL) para realizar uma atividade curricular de extensão (A.C.E.) no campo como orienta a Instrução Normativa da Pró-reitoria de Extensão da Universidade Federal de Alagoas -PROEX/Nº01/2021, que dispõe sobre os procedimentos para implantação da extensão como componente curricular obrigatório nos projetos pedagógicos dos cursos de graduação da UFAL.

O povoado para onde estávamos a caminho chama-se Vila Bananeira. Lá ainda existem muitas áreas em que o fumo é cultivado. Existem galpões onde era feita a “destalação” do fumo pelas mulheres da vila. O nosso interesse, enquanto extensionistas, era pelos relatos e registros de imagens que essas mulheres nos fariam naquela tarde, senhoras entre os seus 70 e 80 anos.

Era tarde de segunda-feira do mês de julho de 2022. Ao chegar ao centro para encontrar os/as estudantes, começa a cair aquela chuva forte peculiar para quem mora no Agreste. Infelizmente, eu estava sem sombrinha! Corro e vou me abrigar em uma esquina bem próxima ao supermercado 15. Tinha combinado que minhas alunas deveriam descer por ali e me encontrar naquela região!Estou um pouco molhada e busco um lugar para eu me abrigar.

¹Professora doutora, adjunta da Universidade Federal de Alagoas- UFAL. E-mail: maria.brito@arapiraca.ufal.br

Escolhi a esquina da rua 16. Mas, apesar de ter ouvido algumas histórias sobre a famosa rua, nem sabia que estava ali pertinho porque não havia indicação alguma sobre o nome da rua.

Fico parada na esquina vendo os carros descendo, pessoas andando rapidamente e ninguém entra na esquina em que estou. Presto atenção porque estou esperando as estudantes e não quero perdê-las de vista quando passarem por ali. Passados alguns minutos, de repente sou surpreendida por um senhor que pergunta sobre o que estou fazendo ali, se esperava alguém. Prontamente respondo: - Estou esperando minhas alunas. Ele todo surpreso, pergunta: - Você é professora? Respondo: - Sim. Logo ele responde que eu devo conhecer aquele lugar. Mas, eu falo que não, porque não moro em Arapiraca, só trabalho e que meu local de trabalho é muito afastado do centro da cidade. Em meio àquela conversa, peço que ele me conte o que tem de curioso sobre aquela rua.

O senhor de meia idade com o sorriso entre os dentes e um pouco sem graça, me diz que é a rua dos bordéis, das casas de mulheres de vida fácil, lugar bastante procurado pelos homens. Em seguida, me chama para sentar em um banquinho do seu estabelecimento mais afastado da esquina. Percebi a mensagem que ele quis passar. Mas de modo respeitoso, ele não disse nada sobre as mulheres que estavam nas casinhas apertadas. Fico observando a rua e aguardando minhas alunas. A chuva está passando. Eu levanto dizendo que outro dia voltaria para ver o movimento da rua 16 tendo em vista ser uma professora que se interessa por história da vida das pessoas e do lugar. Ele, então, começa a sorrir e me deseja boa sorte.

Me despeço agradecendo porque vejo que minhas alunas estão chegando. Digo que vou a Vila Bananeira porque quero ouvir sobre mulheres destaladeiras de fumo e sua cultura de cantigas.

Um jovem que está próximo, diz: - E ainda existem essas mulheres? Respondo: - Sim, elas são muito importantes para a cultura local. Ele me diz: - Nem sabia que ainda tinha isso por aqui. Eu lhe digo: - tanto existe como são uma riqueza do agreste como também destaco que muitas famílias foram sustentadas com o trabalho dessas mulheres. Ele, meio sem entender, me fala: - É, as mulheres da rua 16 também são esquecidas! Elas não têm família, não tem nem onde morar.

Naquele momento, várias questões vêm à minha cabeça: como estarão aquelas mulheres em meio ao processo pandêmico? Como elas viveram durante esse período? Como são? Como vivem suas famílias? Como aquela rua foi se forjando? Fantasio várias

questões que sempre me perseguem quando o tema é a vida das mulheres. Como nos diz Azevedo (2017, p. 2): “A historiografia clássica, assim como as obras sobre a formação do Brasil, majoritariamente, ‘negam’ as mulheres. Quando essa aparece é colocada na ‘condição de não-sujeito’, devido a naturalização de sua inferioridade e submissão. E assim, temos a forte presença do patriarcado representado nessas obras.” Por isso, não sabemos quase nada sobre a vida de mulheres que contribuíram fundamentalmente para a formação do nosso povo.

Vejo o relógio e já são quase 14h. As meninas vão se aproximando. Eu resolvi ir até o final da rua. Vejo umas casas pequenas que são bares. As mulheres estão por lá, umas bem maquiadas, o batom sempre vermelho. Resistência? Símbolo? Cultura? Outras já sentadas tomam sua cerveja acompanhadas. Vejo que outras se recolhem! As que me olham sorriem, eu sorrio de volta. Cumprimento e falo para elas que quero conversar com elas, me sorriem e acenam que sim. Digo que outro dia vou voltar. Vejo que elas estão com celular nas mãos, é a conexão com um mundo que não enxerga essas mulheres.

O tempo passou e quase nada mudou! Uma questão importante de hoje, as mulheres feministas também gostam de usar batom vermelho, como as mulheres que moram na rua 16. E isso pode ser algo importante, como disse Chimamanda Adichie em seu livro “Sejamos todos feministas” (2014), livro resultante da palestra que deu em TEDxEuston, conferência anual com foco na África- (2012). Assim ela diz: “Decidi me tornar uma ‘feminista feliz e africana que não odeia homens e que gosta de usar batom e salto alto para si mesma, não para os homens’.” (2014, p. 14 e 15).

Penso que talvez o meu batom vermelho e o salto que usava tenha despertado a curiosidade do senhor da esquina da rua 16, ou mesmo uma questão de gênero porque só homens devem transitar naquela região. Mulheres como eu parada em uma esquina da rua 16 é a denúncia de que devo estar em busca de alguma atividade, desde sempre atribuída às “mulheres de vida fácil”; ou será que mulheres que se importam com outras mulheres e estão querendo libertá-las da opressão, devem ser silenciadas? Já nos alerta Aruzza et al (2019, p.67) quando fala sobre a maneira como o capitalismo tenta regular a sexualidade. As autoras nos alerta que: “embora pareça valorizar a liberdade individual, o liberalismo sexual não desafia as condições estruturais que incitam a homofobia e a transfobia, incluindo o papel da família na reprodução social.” (ARUZZA; BHATTACHARYA; FRASER (2019, p. 72)

Encontro minhas alunas no início da rua 16, pegamos o carro e vou mostrando a elas as

casinhas da rua. Para minha surpresa, elas conhecem, sim, aquele lugar. Dizem que existem muitas histórias de jovens que são abandonadas pelas famílias. Outras que sofreram violência sexual e foram parar ali. Elas dizem que muitas são esquecidas e destinadas a viver naquele lugar que é tipo esconderijo. Eu logo falo para elas que essa seria também uma excelente pesquisa, que precisaríamos ouvir aquelas vozes silenciadas e perceber aqueles corpos que vivem entre conhecidos e desconhecidos. Seguimos conversando por quase quarenta minutos até chegar ao destino e fica mais uma questão para nossa próxima pesquisa. Esse é o ofício de uma professora que tem curiosidade pelas histórias que povoam os sentimentos do mundo. É o papel de uma universidade que assume a sua função social. É o que estamos buscando fortalecer no curso de licenciatura em Pedagogia, do Campus de Arapiraca, quando faz opção por trabalhar com as atividades curriculares de extensão, a partir dos seguintes temas: “novas tecnologias da informação e comunicação; **promoção dos princípios do respeito aos direitos humanos**, à diversidade e à sustentabilidade socioambiental; ética profissional; entre outros”. (UFAL/2018, p. 88)

Referências.

- ADICHIE, Chimamanda Ngozi. *Sejamos todos feministas*. Tradução de Christina Baum. Editora Schwarcz S. A. São Paulo, 2014. Disponível em: [LIVRO Sejamos Todos Feministas | PDF | Gênero | Estudos de gênero \(scribd.com\)](#).
- AZEVEDO, Lidiany Alexandre. **A FORMAÇÃO SOCIAL DO BRASIL E SUAS “CEGUEIRAS” DE GÊNERO**. VIII Jornada Internacional de Políticas Públicas. Universidade Federal do Maranhão. Centro de Ciências Humanas – Programa de Pós-graduação em Políticas Públicas. Agosto, 2017.
- ARUZZA, Cinzia; BHATTACHARYA, Tithi; FRASER, Nancy. **Feminismo para os 99%: um manifesto**; tradução de Heci Regina Candiani. São Paulo: Boitempo, 2019.
- UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS. Instrução Normativa N°. 01/2019. Consuni/UFAL de 10 de dezembro de 2019. Dispõe sobre os procedimentos para implantação da extensão como componente curricular obrigatório nos projetos pedagógicos dos cursos de graduação da UFAL. Disponível em: https://ufal.br/ufal/extensao/documentos/instrucao_normativa.pdf/view. Acesso em 10 de novembro de 2022.
- UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS. Projeto Pedagógico do curso de Licenciatura em Pedagogia. Campus de Arapiraca/AL. UFAL/PROGRAD/CONSUNI/FSSO, 2018. Disponível em: <https://arapiraca.ufal.br/graduacao/pedagogia/documentos/projeto-pedagogico/ppc-pedagogia-2018/view>. Acesso em 10 de novembro de 2022.